

Como fazer a angústia falar nos psicossomáticos? A angústia entre o gozo e o desejo¹

Joseane Garcia

Resumo

O texto investiga o lugar da angústia na análise de pacientes portadores de fenômenos psicossomáticos. Nesse tipo de clínica, a angústia não aparece; na maioria das vezes, esses sujeitos chegam ao analista dizendo apenas “estou aqui porque o médico pediu”. Partindo da hipótese de que nos casos de fenômenos psicossomáticos há uma continuidade dos registros imaginário e real, em que o simbólico se encontra precariamente enlaçado, a autora estuda como passar da escrita do número à leitura pela fala na clínica, apostando junto com Lacan que a angústia pode ser intermediária entre o gozo e o desejo, fazendo furo na continuidade dos registros.

Palavras-chave:

Fenômeno psicossomático; Angústia; Gozo; Desejo; Nó borromeano.

How to make anxiety speak among psychosomatic patients? Anxiety between jouissance and desire

Abstract

The text investigates the place of anxiety in the analysis of patients suffering from psychosomatic phenomenon. In this type of clinic, anxiety does not appear; most of the time, these subjects come to the analyst saying only “I’m here because the doctor asked me to.” Starting from the hypothesis that in cases of psychosomatic phenomenon there is a continuity of the imaginary and real registers, where the symbolic is precariously linked, the author studies how to move from writing the number to reading it through speech in the clinic, betting, together with Lacan, that anxiety can be an intermediary between jouissance and desire, making a hole in the continuity of the registers.

Keywords:

Psychosomatic phenomenon; Anxiety; Jouissance; Desire; Borromean knot.

¹ Parte deste artigo foi apresentada no XII Encontro da Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano, de 1º a 5 de maio de 2024, em Paris.

¿Cómo hacer hablar la angustia en psicósomática? La angustia entre el goce y el deseo

Resumen

El texto investiga el lugar de la angustia en el análisis de pacientes con fenómenos psicósomáticos. En este tipo de clínica la angustia no aparece, la mayoría de las veces estos sujetos acuden al analista simplemente diciéndole “estoy aquí porque el médico me lo pidió”. Partiendo de la hipótesis de que en los casos de fenómenos psicósomáticos hay una continuidad de registros imaginarios y reales, donde lo simbólico está precariamente entrelazado, el autor estudia cómo pasar de la escritura del número a su lectura a través del habla en la clínica, apostando junto a Lacan, que la angustia puede ser intermedia entre el goce y el deseo, creando un agujero en la continuidad de los registros.

Palabras clave:

Fenómeno psicósomático; Angustia; Goce; Deseo; Nudo borromeo.

Comment faire parler l'angoisse en psychosomatique ? L'angoisse entre jouissance et désir

Résumé

Le texte étudie la place de l'angoisse dans l'analyse de patients présentant des phénomènes psychosomatiques. Dans ce type de clinique, l'angoisse n'apparaît pas, la plupart du temps ces sujets viennent voir l'analyste en disant simplement « je suis là parce que le médecin me l'a demandé ». Partant de l'hypothèse que dans les cas de phénomènes psychosomatiques, il existe une continuité de registres imaginaires et réels, où le symbolique est lié de manière précaire, l'auteur étudie comment passer de l'écriture du nombre à sa lecture à travers la parole en clinique, en pariant avec Lacan que l'angoisse peut être intermédiaire entre la jouissance et le désir, créant un trou dans la continuité des enregistrements.

Mots-clés :

Phénomène psychosomatique ; Angoisse ; Jouissance ; Désir ; Noeud borroméen.

A angústia, ensinou-nos Freud, desempenha em relação a algo a função de sinal. Digo que é um sinal relacionado com o que se passa em termos da relação do sujeito com o objeto *a*, em toda sua generalidade. (Lacan, 1962-1963/2005, p. 98)

Os sujeitos que buscam uma análise geralmente chegam com certa angústia diante de algo que tem estatuto de sinal, algo que vai mal, mas eles não sabem o que é e nem por quê. Na clínica com os psicossomáticos, a angústia não costuma aparecer; na maioria das vezes, esses sujeitos chegam ao analista dizendo apenas “estou aqui porque o médico pediu”.

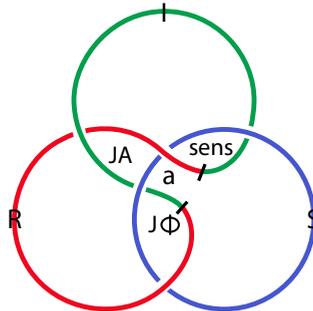
Ao comentar a definição de angústia que Freud apresenta em “Inibição, sintoma e angústia”, como angústia-sinal, Lacan (1962-1963/2005) opera uma torção, ao dizer que ela é sinal não de perda do objeto, mas justamente da intervenção do objeto *a*. Ele chega a dizer que é pelo viés da angústia que se pode falar do objeto, na medida em que ela é sua única tradução subjetiva.

Quando a dimensão subjetiva não entra em cena diante de um evento traumático, parece que há aí a possibilidade de eclodir um fenômeno psicossomático. E sabemos com Lacan (1964/1998) que a holófrase se encontra na origem desses fenômenos. Um congelamento de significantes, em que não acontece o intervalo entre eles e, por conseguinte, a não extração do objeto *a*, levando a uma fixação de gozo específica.

Durante minhas pesquisas sobre o fenômeno psicossomático, formulei uma hipótese de que dois dos três registros RSI poderiam encontrar-se em continuidade um com o outro; portanto, duas consistências se encontrariam reduzidas a uma só. Essa tese encontra-se em meu livro *O fenômeno psicossomático e o objeto a* (Garcia, 2021), fruto de minha tese de doutoramento na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Os registros imaginário e real estariam em continuidade, e o simbólico, precariamente enlaçado. Isso me pareceu congruente com o que Lacan (1975) afirmou em sua *Conferência de Genebra sobre o sintoma*, em que ele diz que o FPS² é algo da ordem do número escrito no corpo. Para se ter uma escrita borromeana, é preciso no mínimo três elos. Na minha hipótese do FPS, temos apenas dois, não temos uma escrita borromeana. Seria como no desenho a seguir:

2 A partir de agora, usarei FPS para me referir a fenômeno psicossomático.

Figura 1. I e R em continuidade.

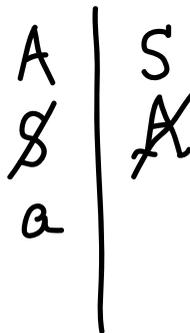


Fonte: Brini, 2012.

Com a continuidade dos registros imaginário e real, o coração do nó não ficaria delimitado, ou seja, o objeto *a* não estaria destacado. A não extração do objeto *a* seria o que colocaria os dois registros, imaginário e real, em continuidade. É sua extração que possibilitaria a disjunção dos campos em continuidade.

Sabemos que o objeto não é engendrado sem o Outro, mas, antes, surge entre o Outro e o sujeito. No início de seu *Seminário 10*, Lacan (1962-1963/2005) situa o aparecimento do objeto *a* no que ele denominou o primeiro esquema da divisão (Figura 2). Nesse esquema, ele apresenta o surgimento do sujeito a partir da introdução do significante em seu encontro com o Outro, e como resto dessa operação está o objeto *a*. Ele surge entre o Outro não barrado e aquilo que Lacan escreve com um S, o sujeito do gozo.

Figura 2. Primeiro esquema da divisão.



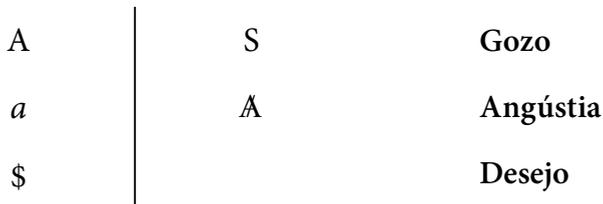
Fonte: Lacan, 1962-1963/2005, p. 36.

A letra *a* indica o resto da operação de constituição do sujeito a partir da linguagem. É um resto impossível de ser reduzido ao significante, um resto que se apresenta como borda entre o real, o simbólico e o imaginário. O que Lacan introduz a partir do seminário sobre a angústia é que a perda é algo que opera no nível do gozo.

Mais adiante, nesse mesmo seminário, o esquema da divisão sofre importante modificação. Lacan situa o surgimento do objeto *a* em um momento lógico anterior ao advento do sujeito dividido, assumindo uma função operativa.

Ele apresenta um terceiro esquema de divisão com uma inversão na posição de dois de seus elementos: o *a* e o \$ trocam de lugar (Figura 3). O \$ está no fim da operação, e o *a* é o termo intermediário entre o gozo e o desejo. Essa configuração do esquema de divisão evidencia que a angústia é constitutiva da função do objeto *a*. Segundo Lacan (1962-1963/2005, p. 352), a angústia desempenha um papel na separação do objeto, no corte que faz cair o objeto, portanto está no momento constitutivo do objeto.

Figura 3. Terceiro esquema da divisão.

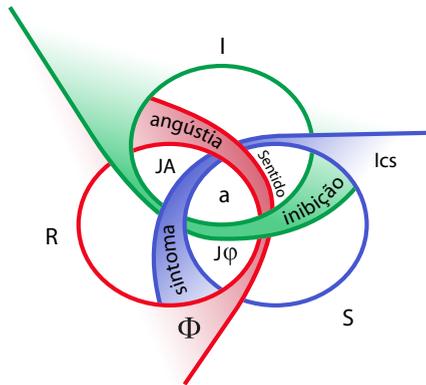


Fonte: Lacan, 1962-1963/2005, p. 192.

O que é angustiante é a extração do objeto *a*. Portanto, a angústia é sinal da extração do objeto *a*. Ela surge quando o sujeito é confrontado pelo desejo do Outro e não tem a menor ideia de que objeto ele é em relação a esse desejo. A função da angústia na cessão do objeto é de causa. Ela tem antecedência lógica em relação ao objeto *a*. Trazendo essa elaboração de Lacan para o trabalho com os psicossomáticos, o surgimento da angústia seria como uma bússola que indicaria o destacamento do objeto *a*, descontinuando os registros imaginário e real.

No *Seminário 22, RSI*, Lacan (1974-1975, inédito) volta a trabalhar o texto freudiano “Inibição, sintoma e angústia”, agora com o nó borromeano. Ele apresenta um desenho do nó com as zonas indicando a intrusão de cada campo no outro, um movimento que gira em direção ao centro do nó, ou seja, a partir do objeto *a* e das diferentes modalidades de gozo que implicam o triádico freudiano: inibição, sintoma e angústia.

Figura 4. Nó borromeano em RSI.



Fonte: Lacan, 1974-1975, inédito.

Nas últimas lições do RSI, Lacan introduz o termo nominação. Aponta-nos que a nominação se faz no imaginário como inibição; no simbólico, como sintoma; e no real, sob a forma da angústia. Como afirma Schejtman (2019, p. 166): “Lacan faz da inibição, do sintoma ou da angústia, justamente, nomes do pai capazes de enodar de modo borromeano, como quartos elos, os três registros.” Os três enodam a estrutura do ser falante, tendo cada um deles uma função de enodamento. A inibição, o sintoma e a angústia são elevados à categoria do quarto nó: Nomes-do-Pai, redobrando cada um dos registros, podendo enlaçar-se de modo borromeano. A inibição é intrusão do imaginário no simbólico; o sintoma é uma intrusão do simbólico no real; e a angústia é a intrusão do círculo do real sobre o imaginário.

Prossegue Schejtman (2019, p. 168): “Assim, teremos três formas de nominação — imaginária (a inibição), simbólica (o sintoma) e real (a angústia) —, três nomes do pai — ou três pais do nome — capazes de operar o enodamento borromeano dos registros.” Assim, as nominações imaginária, simbólica e real mantêm enlaçados os registros, R, S, I, como função de reparação do lapso do nó.

No real, a nominação se faz por meio da angústia, que delimita o campo do real avassalador, fazendo certa contenção no corpo. Diante da hipótese de que os registros imaginário e real estão em continuidade no FPS, então é pela via da angústia que será possível algum furo na continuidade dos registros imaginário e real. É nesse momento que a angústia poderá fazer alguma cessão do objeto *a*. Vou tentar demonstrar isso a partir de um fragmento de um caso.

O caso que nomeio Mirelle foi atendido no Projeto Psico Reto-Crohn,³ que integrou o projeto de pesquisa “A clínica psicanalítica e os fenômenos psicossomáticos”, coordenado por mim na Universidade Católica de Petrópolis (UCP). Na primeira entrevista, a mãe de Mirelle diz ter buscado o tratamento pelo aparecimento do vitiligo, aos 7 anos de idade. O avô de Mirelle havia falecido em novembro, tendo o vitiligo de Mirelle aparecido um mês depois da morte do avô. Uma primeira manchinha embaixo do olho, como uma lágrima escorrida. A mãe conta que a filha era muito apegada ao avô.

Quando a analista vê Mirelle pela primeira vez, ela tem 10 anos. Tímida, falando muito baixo, conta que está ali porque tem vitiligo e mostra sua perna com as manchas. Ao falar do avô, diz que “o amor morreu”. Não fala mais nada, e o silêncio impera. Foi assim toda vez que o assunto tratava da morte do avô, Mirelle permanecia em silêncio e/ou chorava.

Depois de seis meses de atendimento, a avó materna também morre. Há uma atualização da morte do avô materno. O vitiligo, que já não se apresentava mais no rosto, voltou a abrir em torno dos olhos.

Em entrevista com a mãe, ela conta que orienta Mirelle a cuidar da pele. Ela diz: “a *nossa pele* tem que ser cuidada, senão a alergia explode”. A analista escuta como a mãe e Mirelle tivessem uma pele só: *anossapele* é uma holófrase.

Em uma sessão, Mirelle faz um desenho com guache de uma grande melancia, fazendo com cuidado as sementinhas pretas em forma de manchas. Mirelle-Melancia-Melanina.⁴ As manchas da melancia são o negativo das manchas do vitiligo, uma tentativa simbólica de cobrir as manchas brancas sobre sua pele negra.

Segundo Mirelle, a mãe tinha um hábito que a incomodava, que consistia em pará-la para vigiar se o vitiligo havia aumentado; fazia isso puxando a própria pele embaixo dos olhos. A mãe vigia o vitiligo, colocando o objeto olhar em jogo. Lacan diz que “o fato do olho ser um espelho já implica, de certo modo, sua estrutura” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 263). O olhar como objeto de gozo do Outro será o objeto destacado, pois é na condição de separável que um objeto pode fazer função de objeto *a* (Garcia, 2012).

Em outro momento da análise, Mirelle passa a falar de uma alergia no pé: “puxei a alergia da minha mãe”. Mirelle diz que a mãe era toda manchada, e que

3 O Projeto Psico Reto-Crohn foi criado para atendimento psicanalítico a portadores de retocolite ulcerativa e doença de Crohn, que vinham encaminhados do grupo Reto-Crohn Petrópolis (ligado à Associação Brasileira de Colite Ulcerativa e Doença de Crohn – ABCD). Depois de dois anos trabalhando com esses pacientes, o projeto foi aberto para receber outros tipos de doenças que poderiam ser FPS. O relato desse caso foi apresentado pela primeira vez no artigo “Quando os sentimentos viram manchinhas: trauma e fenômeno psicossomático” (Garcia & Silva, 2022).

4 A palavra melanina, que é o pigmento da pele afetado no vitiligo, é muito usada pelos médicos para explicar as manchas branco-leitosas.

a alergia havia deixado a mãe em *carne viva*. A analista intervém, dizendo que a alergia “*é da mãe*”, na tentativa de provocar uma separação dessa pele compartilhada. A alergia de Mirelle é anterior ao vitiligo, apareceu quando era bebê. Ao falar de sua identificação com a mãe, Mirelle diferencia o vitiligo da alergia. E, pela primeira vez, dirige-se a ele, nomeando-o: “são manchinhas, são sentimentos que viram manchinhas”. Mas Mirelle não sabe dizer que sentimentos são esses, fica muda novamente, ao ser questionada. “Para os sentimentos não virarem manchinhas, é preciso falar deles”, pontua a analista. Mirelle diz que não é boa em contar histórias e diz, chorando, não querer falar dos avós falecidos, por sentir falta deles. Toda vez que tocava nas mortes dos avós, Mirelle chorava muito, um choro mudo. Com a ajuda da analista, ela passa a falar das saídas com o avô, do empadão da avó, dos domingos legais com eles.

Diferentemente de como foi tratada a morte do avô,⁵ na morte da avó, Mirelle participa do velório e enterro e recupera para si alguns objetos da avó (uma escova, um cordão e um livro de receitas), atribuindo a essa perda alguma elaboração, na medida em que toma objetos que representam a avó. Em uma sessão, anuncia orgulhosa que fará para o Natal o empadão do livro de receitas da avó.

Um tempo depois, Mirelle diz que precisa “fazer sua identidade”, referindo-se a retirar sua carteira de identidade. Reivindica sua identidade separada do Outro, posiciona-se como sujeito de seu próprio desejo.

Posteriormente a essas produções, Mirelle, em sessão, reproduz uma frase do irmão que achou engraçada: “A vida não é um morango”, e logo em seguida desenha um grande morango vermelho com manchinhas pretas, de forma análoga à melancia. A analista pergunta: “O morango tem manchinhas?”. Mirelle ri! O morango tem manchinhas pretas que apagam seu vitiligo. Nessa sessão, ela informa que o vitiligo não se manifesta mais.

Na relação entre Mirelle e sua mãe, a junção de suas superfícies era absoluta; a pele de Mirelle e a de sua mãe eram uma só: *anossapele*. O que o trabalho analítico com Mirelle fez foi proporcionar uma separação dela e da mãe, por meio da elaboração do luto dos pais da mãe, dos avós de Mirelle. O vitiligo de Mirelle não inscrevia a perda, obturava a abertura entre S_1 e S_2 , por meio do mecanismo de holófrase.

Nesse caso, a angústia apareceu em forma de choro, toda vez que tocava nos avós. O ponto de angústia, como nos ensina Lacan, é o ponto em que o sujeito se relaciona com sua falta. Mirelle, por meio da nomeação da angústia, fez uma operação de destacamento do objeto *a*, permitindo, assim, um tratamento do gozo. A angústia foi substituída, para o sujeito, pelo desejo, por meio da operação do objeto *a*. A cessão do objeto olhar da mãe possibilitou uma separação da pele de Mirelle, foi a queda

5 A família de Mirelle não permitiu que ela participasse do velório e do enterro do avô.

de um Outro consistente. A nomeação da angústia localizou o sujeito no campo do Outro e construiu uma identidade própria. A angústia é a “manifestação mais flagrante desse objeto *a*, o sinal de sua intervenção” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 98); por isso, ela é um importante indicador clínico. A angústia foi intermediária entre o gozo e o desejo, fazendo furo na continuidade dos registros.

Referências bibliográficas

- Brini, J. (2012). *Mises em continuité*. A.L.I. L'Association Lacanienne Internationale, 31 de maio, 2012. Recuperado em 25 de novembro, 2020, de <https://topologie2019.monsite-orange.fr/file/9cac74a56ee0cb019b302006038c2af8.pdf>
- Garcia, J. (2012). A estrutura topológica do objeto *a* e o fenômeno psicossomático. In L. Elia & R. M. M. de Barros. *Estrutura e psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Garcia, J. (2021). *O fenômeno psicossomático e objeto a*. Curitiba: Appris.
- Garcia, J., & Silva, C. B. da. (2022). “Quando os sentimentos viram manchinhas”: trauma e fenômeno psicossomático. *Marraio: Revista Interdisciplinar de Psicanálise com Crianças*, Formações Clínicas do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro, 38-39.
- Lacan, J. (1974-1975). *O seminário, livro 22: RSI*. Inédito.
- Lacan, J. (1975). *Conferência de Genebra sobre o sintoma*. Inédito.
- Lacan, J. (1998). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963)
- Schetjtman, F. (2019). *Sinthome, ensayos de clínica psicoanalítica nodal*. Olivos: Grama Ediciones.

Recebido: 01/11/2024

Aprovado: 15/11/2024